



Natal e a II Guerra Mundial: crônicas sobre a Cidade

Giovana Paiva de Oliveira¹

Virgínia Pontual²

Este trabalho trata de uma circunstância histórica específica: as transformações da Cidade do Natal durante a II Guerra Mundial, e de como estas transformações foram expressas pelos intelectuais natalenses.

Naquele momento, a cidade era pequena, tanto nas suas dimensões territoriais, como nas populacionais. Em 1940, ocupava uma área menor do que representam os atuais bairros Ribeira, Cidade Alta, Rocas, Petrópolis e Alecrim, tinha aproximadamente 90 km² e 50 mil habitantes, além de algumas residências e chácaras, espessadas fora deste limite urbano mais adensado.

É provável que tenha sofrido mais impactos com a II Guerra Mundial do que outras cidades brasileiras, dado ter localizadas em seu território as instalações da Força Aérea Norte-Americana, além de diversas Unidades Militares das Forças Armadas Brasileiras, que representou a presença de, aproximadamente, 25 mil soldados que circulavam pela cidade.

No seu cotidiano, a cidade, entre os anos de 1943 e 1945, conviveu com:

- centenas de aviões a sobrevoar seu espaço aéreo, dia e noite, pousando e decolando de Parnamirim *Field* (distante 20 Km do centro);
- um Jornal em Inglês, o *Foreign Ferry News*, distribuído na Base Americana e com repercussões na Cidade;
- uma Estação de Rádio Local com programas produzidos nos Estados Unidos, a WSMS;
- auto-falantes nas praças, para transmitir pela BBC de Londres as últimas notícias da Guerra;

¹ UFRN, DOUTORANDA MDU/UFPE. E-Mail: giovana@ufrnet.br

² MDU / UFPE. E-Mail: vp@elogica.com.br

- uma Base Marítima no rio Potengi, para abrigar os grandes hidroaviões, que bombardearam Tóquio;

- Salas de Cinemas lotadas e com as exibições do Cinema Holywoodiano, estimulada pela propaganda e pela presença de artistas, que passeavam pelas suas ruas (Humprey Bogart, Marlene Dietrich e Bruce Cabot, por exemplo);

- milhares de soldados norte-americanos, que frequentavam bares e cabarés, namorando e comprando com dólar, ou promovendo escambo com os enlatados.

Foi dessa época também a construção da primeira Fábrica de Coca-Cola da América Latina.

Tais fatos estão envolvidos, porém, em muitas polêmicas e são narrados de modo incompleto.

Pretende-se aqui interpretar o que foi registrado pelos intelectuais, sujeitos que relataram seu presente em pequenas narrativas, desconectadas umas das outras, na tentativa de compreender como operaram a seleção de assuntos, temas e acontecimentos significativos. Não está esgotada a discussão, mas apenas fica revelado um pouco da cidade do Natal da II Guerra Mundial, através do olhar de Danilo, cognome de Aderbal de França, considerado como pioneiro da Crônica Social no Jornalismo Norte-rio-grandense (Cardoso, 2000). Ele que foi um homem ligado à atividade jornalística por opção, que ocupou Cargos como o de Diretor e de Editor-Chefe do Jornal “A República”, e que escreveu sobre o cotidiano da cidade durante quarenta e dois anos, em uma coluna diária que era nomeada segundo o conteúdo escrito³.

As Crônicas de Danilo, além de serem reveladoras, podem também ajudar a pensar a Cidade. No primeiro momento, manifestavam regozizo pelo seu crescimento, progresso e modernidade: festejavam as novidades e a prosperidade; para, em seguida, demonstrar surpresa e suspeição pelas mudanças, tornando-se quase alheias às notícias veiculadas pelo mesmo Jornal, relacionadas às inaugurações de abrigos anti-aéreos, aos treinamentos de defesa e aos exercícios de *black-out*.

³ Nasceu em Natal, em 05/01/1895 e faleceu em 25/05/1974. Estudou Medicina no Rio de Janeiro, quando foi Secretário do Senador Eloy de Souza, mas não concluiu sua formação, voltando para Natal para se dedicar ao Jornalismo. Foi fundador da Revista “Cigarra”, primeira Revista dedicada à vida em sociedade (1928-30), e do jornal ‘O Diário’ (1939)”. Este último foi adquirido pelos Diários Associados, passando a se chamar “Diário de Natal”, cujo título mantém até os dias de hoje. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi Correspondente da Agência Nacional (Cardoso, 2000).



PRAÇA PIO X

Localizada no centro da cidade, foi construída entre os anos de 1946 e 1947 pela prefeitura em terreno da Diocese do Natal, no qual existia um abrigo anti-aéreo. Atualmente, está edificada a Catedral Nova.

Cartão Postal, da década de 50

Autor da foto: Jaeci

Acervo: José Valério

Alguns autores que escreveram Crônicas sobre a Cidade, posteriormente a esse período, pareceram continuar a balizar-se pelos mesmos sentimentos, sem revelar as dificuldades vivenciadas após a retirada das tropas militares norte-americanas.

Para o objetivo deste trabalho, as Crônicas são consideradas como uma produção social, contextualizadas no período e no lugar em que foram produzidas, não para reconstruir-se o passado como ele foi, mas, para entenderem-se as questões do presente.

“(…). A cidade não dissocia: ao contrário, faz convergirem, num mesmo tempo, os fragmentos do espaço e os hábitos vindos de diversos momentos do passado. Ela cruza a mudança mais difusa e mais contínua dos comportamentos citadinos com os ritmos mais sincopados da evolução de certas formas produzidas. A complexidade é imensa. A cidade é feita de cruzamentos. (...)” (Lepetit, 2001, p.141).

Tenta-se observar estes cruzamentos, privilegiados ou não pelos registros da Historiografia sobre a cidade do Natal, as repercussões e transformações urbanas sofridas, tendo-se em vista que, com a II Guerra Mundial, ela viveu um momento glorioso e sem precedentes; - um momento que, estranhamente, ainda tem sido pouco explorado pela Historiografia, pelos Livros Didáticos e pela Imprensa atual.

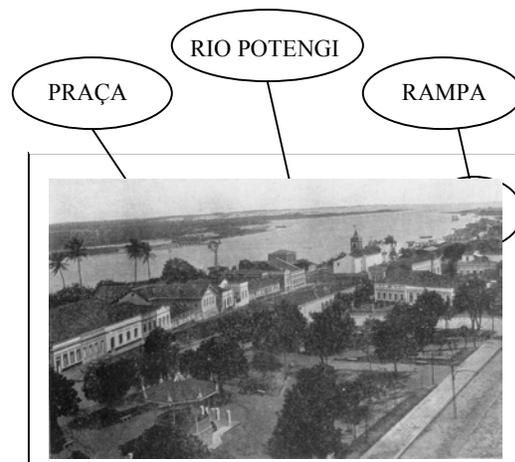
A Cidade na II Guerra Mundial

O que seria este enunciado sobre Natal? O que representou a II Guerra Mundial para essa cidade? Ela estava fincada em uma região estratégica, o extremo do Continente Sul-Americano que mais se aproximava fisicamente do Continente Africano, onde, no início dos anos 40, as tropas do Eixo avançavam suas conquistas. Esta peculiar localização parecia não interessar à elite natalense que pouco se preocupou com os diversos Acordos estabelecidos entre os Estados Unidos da América e o Brasil, entre os Presidentes Roosevelt e Getúlio Vargas, centrados na defesa da Democracia Mundial (Clementino, 1995).

Nada, no entanto, evidenciaria o que justifica a relevância deste acontecimento para a cidade do Natal. Em se tratando do espaço da Cidade, sua importância pode ser vista apenas no seu interior, no qual se realizaram ou não as expectativas criadas na e para a Cidade, na sua vida cotidiana, no emaranhado de acontecimentos que destroçaram seu lento crescimento. Não podemos deixar de ressaltar que, ao longo das primeiras décadas do século XX, este “progresso” sempre foi desejado pelos intelectuais e governantes: o que se consubstanciava nos seus discursos, nos Planos Urbanísticos, nas intervenções realizadas no espaço (Dantas, 1998; Ferreira, 1996; Lima, 2000; Oliveira, 2000).

A instalação dos norte-americanos na Cidade pode ter adquirido um significado de reconhecimento do lugar. Porém, aos norte-americanos interessava não apenas a cidade, mas todo o litoral nordestino, de onde se ressaltava o “saliente do Nordeste”, um triângulo que compreendia as cidades de Natal, do Recife e o arquipélago de Fernando de Noronha, cuja designação no mapeamento dos americanos era o “Trampoline to Victory”. Entretanto, as autoridades militares brasileiras privilegiavam a concentração dos Meios Militares na Região Sul, na fronteira com a Argentina, pois acreditavam que qualquer tentativa de ataque ao Território Nacional só poderia dar-se no extremo sul, destacando-se a compreensão de que o Nordeste pobre e pouco urbanizado apresentava poucas atrações (Clementino, 1995).

Apesar disso, em 1941, o Governo Brasileiro criou o “Teatro de Operações do Nordeste” em que a Marinha iniciou a construção das Bases Navais e o Exército organizou seus Regimentos de Infantaria e ocupou e fortificou a Ilha de Fernando de Noronha. Após a realização do acordo



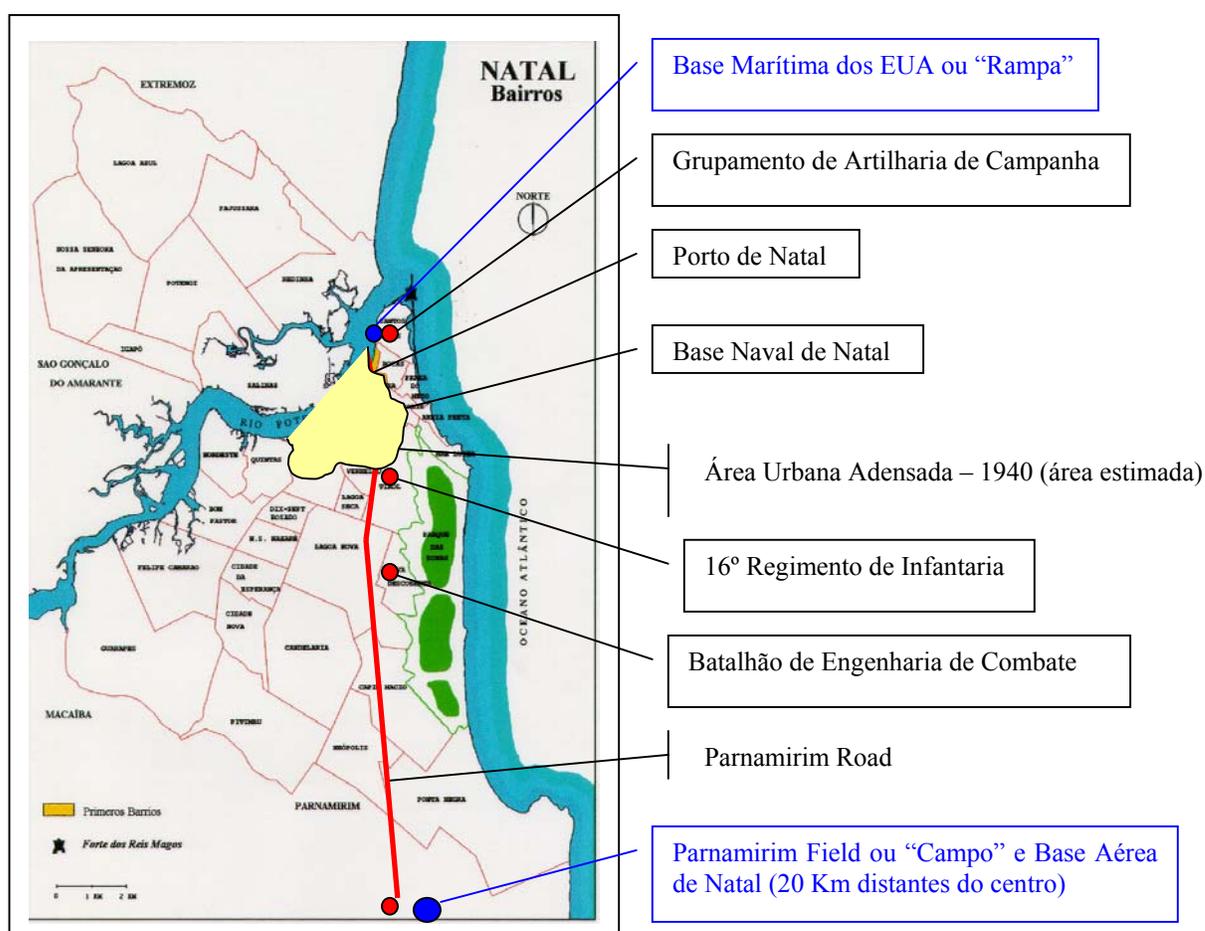
de utilização do Território Nacional, iniciou-se a construção da Base Naval de Natal e, assim, foi iniciada a progressiva ocupação dos espaços da cidade com as diversas instalações das Forças Armadas Brasileiras e Norte-Americanas e as que deveriam apoiar o seu contingente.

Parte da Base Naval foi destinada à acomodação dos norte-americanos, assim como às instalações do Hidroporto localizado no rio Potengi, conhecido como “Rampa”, de propriedade da Air France. Dessa maneira, o dique flutuante, a barca oficina, os aviões anfíbios, os dirigíveis e os aviões de bombardeio de patrulhamento de terra, usados para proteger comboios e submarinos de combate, podiam ser vistos a partir do pacato centro da cidade do Natal. Foram ainda construídos três Quartéis na área urbana da Cidade: o Grupamento de Artilharia de Campanha, o 16º Regimento de Infantaria e o Batalhão de Engenharia de Combate, para abrigar as tropas do Exército Brasileiro: o Batalhão de Caçadores; 3º Regimento de Artilharia Anti-Aérea; o 2º Batalhão de Carros de Combate Leve; a Companhia de Transmissão; o GEMAC; o Batalhão de Engenho (fazia parte da Infantaria); e a 7ª Companhia de Engenharia.

As instalações militares norte-americanas, enfim, foram a Base Marítima ou “Rampa” e a Base Terrestre Parnamirim Fiel ou “Campo”, como eram chamadas popularmente esses dois locais pela população de Natal.

A Base Marítima era uma Base Aeronaval, às margens do rio Potengi, que servia de abrigo para os hidroaviões anfíbios (transportes de carga) e os “clippers” (passageiros), além de coordenar as ações de caça aos submarinos inimigos no litoral. Ao seu redor, no bairro das Rocas, houve uma transformação violenta com a construção de cais, armazéns, casas de diversão noturna e hotéis. No outro lado da cidade, distante 20 Km do centro, existia o Campo de Parnamirim, que foi construído em 1928 pela Air France e Lufthansa (L.A.T.I.) e, desde então, era utilizado para pouso de aviões comerciais dessas companhias. Resumia-se a poucas instalações físicas, depósitos de combustíveis e uma pista asfaltada. Devido às suas condições, este local foi escolhido pelas Forças Aéreas Brasileira e Americana para suas instalações e, com isso, em setembro de 1942, foi dado início à construção de “Parnamirim Field”. O *Headquarter* da Força Aérea dos Estados Unidos no Atlântico Sul funcionou, de agosto de 1943 até julho de 1945, e era uma estrutura grandiosa que incluía: duas pistas de pouso com capacidade de operação irrestrita de aeronaves; doze áreas de estacionamento; dez hangares e 700 edificações (Melo, 1993). Era uma Base de trânsito e apoio para homens, armas e equipamentos, que operava em constante ampliação, 24 horas por dia, com um trânsito diário estimado em 400 a 600

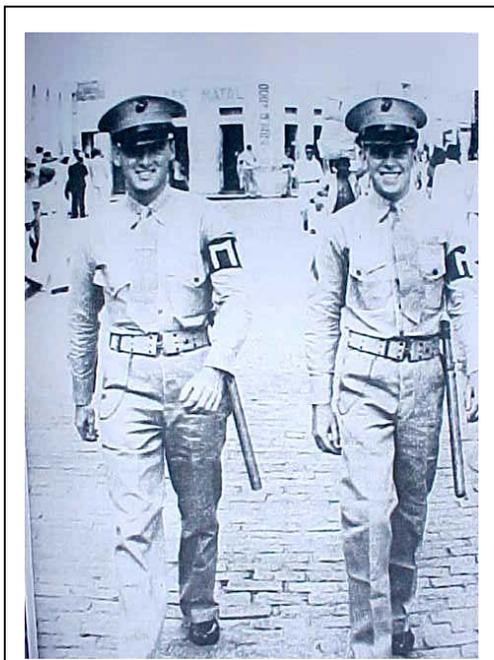
aeronaves (Costa, 1980, p.79), ou com saída de 300 aviões rumo à África (Casculo, 1980); ou com a descida ininterrupta de aviões de cinco em cinco minutos (Aldo Fernandes em depoimento). Sempre houve mistério envolvendo a Base de “Parnamirim *Field*”. O Departamento de Estado Norte-Americano, por razões de segurança, nunca divulgou o número oficial de militares que nela se instalaram (Foreign Ferry News, 23/07/1943, Vol.2, No. 17). Para alguns, em “Parnamirim *Field*” viveu permanentemente com um contingente de 10 mil soldados americanos (Casculo, 1980 e Pinto,1976), o que correspondia a 20% da população de Natal.



Em “Parnamirim *Field*”, ainda foram construídos depósitos subterrâneos para água e combustível, armazéns para grandes estoques de sobressalentes e de materiais que seriam transportados para outros destinos; um *pipeline* com mais de 20 Km de extensão desde o Porto de Natal e da Base Marítima da Rampa, pois eram consumidos 100 mil litros de gasolina por dia na Base; e a “Parnamirim Road”, conhecida como “a pista”, reduzia o trajeto de 3 horas para 20 minutos. Através do Jornal *Foreign Ferry News*, verificou-se a

existência de restaurantes e cafeterias, com capacidade de servir 500 pessoas de cada vez (06/06/1943, Vol.1, p.4); uma padaria (16/06/1943, Vol.1, p.5); uma fábrica de coca-cola (18/04/1944, Vol.2, p.6); um supermercado; um hospital com disponibilidade de 178 leitos; uma biblioteca com 5 mil volumes; discoteca; sorveteria; capela para 400 pessoas; quadras de beisebol e de diferentes esportes; escritório de seguros; escritório de câmbio; teatro; clubes para oficiais e subalternos, os USO's, tanto na Base como na Cidade; e Emissora de Rádio – USMS, com programa direto pela *Columbia Broadcasting System* de Nova York (Melo, 1993).

Por outro lado, a população da Cidade, entre 1941 e 1943, pode ter crescido em 50% e mais que duplicado seu comércio. Não existia residência em número suficiente e disponível que atendesse à demanda que se instalava, assim como infra-estrutura que permitisse o atendimento e o abastecimento das novas necessidades da cidade. Os transportes, os cinemas, os bares e as ruas estavam sempre tomados pelas pessoas. A população podia sentir a transformação no seu cotidiano apenas com a circulação do contingente de Natal e do que estava aquartelado na ilha de Fernando de Noronha, que, nos seus horários de folga, frequentavam a cidade e circulavam por ela.



Soldados americanos em patrulhamento nas ruas da cidade em 1943 (Smith Junior, 1993:139)

“(…). Entraram em plena confraternização com as moças da terra e fizeram camaradagem com os filhos das famílias da melhor sociedade, freqüentando as suas residências e dançando nas festas dos clubes. Nadavam em nossas piscinas e bebiam cerveja nos ‘cafês’, como eram chamados os bares naquela época. Recebi também vários deles em minha casa e alguns até me procuravam como advogado, para aconselhamento, no caso de encrencas e envolvimento amoroso com moças da terra. Conheci também militares de outras armas e bati ‘longos papos’ com os que passavam para a África. Falava-se inglês no Grande Hotel e também nas ‘*staff-houses*’ (casas de descanso dos militares) (...). Havia duas ‘*staff-houses*’ e ali

fomos tomar cerveja, a convite dos gringos, falar inglês e informar a melhor maneira de se comportarem em nossa pequena província. (...). Alugamos até

um piano de nossa propriedade que, por sinal, ficou arruinado depois da barganha. (...)” (Melo, 1993:37).

Nesse período, a população da cidade, que sempre fora predominantemente formada por funcionários públicos, teve sua vocação reforçada com a presença dos militares das Forças Armadas Brasileiras (o que permaneceu até os dias atuais) e viveu, durante este período, em função do acontecimento. A convivência com “os gringos” marcou os hábitos e os costumes da sociedade, introduzindo palavras do Inglês no vocabulário, nos gestos e nas bebidas: *OK*, o polegar da mão direita estendido para cima, *milkshake*, *coca-cola*, *cuba libre*, *blackout*, *cigarettes*, *my friend*, *all right*, *thank you* e *Hello*.

A cidade do Natal viveu o seu momento de turbilhão: milhares de pessoas se deslocavam para a Capital, vindos de todos os lugares. Um grande contingente de população chegou à cidade motivado pela seca no sertão do Estado, flagelados, mendigos que foram rapidamente abrigados em lugares distantes, na periferia pobre da cidade. Muitos vieram estimulados pela divulgação da existência de empregos, pois era de conhecimento público que os americanos estavam contratando mão-de-obra para os serviços mais pesados, como a construção da Base Terrestre “Parnamirim *Field*” e da pista “Parnamirim *Road*” e também pela divulgação dos investimentos que faziam para suprir as Bases com gêneros alimentícios. Grande parte dos alimentos de que necessitavam eram importados, transportados por navios e aviões até a Base, porém estavam comprando grandes propriedades e destinando-as para a criação de gado leiteiro e de corte, assim como para a plantação de cereais e de árvores frutíferas. Um parque da cidade, por exemplo, a Lagoa Manoel Felipe, foi transformada em aviário para produção de galeto em grande escala. Da mesma forma, incentivavam e investiam em pequenos e grandes proprietários de terras agricultáveis ou com pasto disponíveis para que produzissem, pois a demanda da Base de “Parnamirim *Field*” era maior do que a quantidade que eles conseguiam trazer dos Estados Unidos.

Um outro fator que influenciou o deslocamento populacional para a Capital foi a possibilidade de enriquecimento para pequenos e grandes comerciantes de outras cidades. Foram muitos os comerciantes de todas as regiões do Rio Grande do Norte, que, com suas famílias, se estabeleceram em Natal neste período. Comerciantes ficavam ricos do dia para a noite, especialmente no ramo dos serviços prestados pelos taxis e carros de aluguel.

Tanto os americanos como o Exército Brasileiro construíram Vilas Militares, além das “*Staff Houses*” e dos clubes “*USO's*”. Nos bairros de Tirol e Petrópolis, eixo da “pista”

que ligava a Natal a Parnamirim, instalaram-se os oficiais e militares de alta patente. Os espaços de convivência e de lazer eram compartilhados com a elite local, que se deslocava para Parnamirim, quando era convidada para os eventos festivos, assim como disponibilizava suas residências, o Aero Clube, o Teatro e os Cinemas da cidade para eventos comuns. Grandes festas foram animadas pelas Bandas de *Jazz* do Exército Norte-Americano, em que predominavam o *jazz*, o *twist* e o *rock*. No período mais crítico da falta de habitação para alugar, algumas famílias chegaram a hospedar, em suas próprias residências os oficiais e os soldados norte-americanos, enquanto aguardavam o término da construção das habitações. Para os soldados de baixa patente eram improvisadas barracas como moradias e o seu lazer se desenvolvia no bairro das Rocas e da Ribeira, onde foi construído um *USO* para os soldados, instaladas muitas casas de diversão e onde proliferavam os cafés, os cassinos e os cabarés (Melo, 1993).

“A presença dos galegos (designação usada pelo homem do povo para identificar qualquer estrangeiro) motivou a aprendizagem da língua inglesa, ao ponto de que, já ao término da guerra, muitos natalenses falavam e escreviam corretamente esse idioma. Tornara-se comum o livrinho ‘Safa-onça’ (dicionário com as frases mais comuns para se conversar e traduzir a língua inglesa, com a grafia e a pronúncia figurada), verdadeira tábua de salvação para aqueles que tinham necessidade de conviver com os americanos, principalmente mocinhas que sonhavam casar com oficiais de Tio Sam, ou espertos comerciantes de rua” (Aguiar, 1931:32).

As Crônicas sobre o vivido – O registro da experiência de Danilo

Apesar da grandiosidade do acontecimento, poderíamos arriscar a afirmação de que esse momento não ficou devidamente marcado na História da Cidade, mesmo que a afirmação possa parecer leviana, pois o impacto vivido pela Cultura da Cidade ainda pode ser difusamente visualizado no presente, através de gestos, palavras, nomes de lugares e em outros aspectos da cultura local (Silva, 1998).

As Crônicas escritas por Danilo entre os anos de 1940 e 1943, quando as Forças Armadas chegavam e começavam a se instalar em Natal, especialmente as que trataram de

aspectos que diziam respeito ao espaço da Cidade, que falaram dos bairros, que observaram ou detalharam as transformações percebidas, as mais visíveis ou consideradas importantes pelo autor, tanto que se deteve e discorreu sobre elas. Até meados de 1941, demonstrou seu fascínio e admiração pela prosperidade observada, com as novas ruas que eram traçadas rapidamente na periferia da cidade sobre terrenos vazios e sítios arborizados, e com a evidente multiplicação de casas e vilas. Em “O bairro do Alecrim Prospera” (15/09/1940), esta área da cidade, que havia sido regulamentada como bairro desde 1911, parecia estar conquistando sua autonomia, ascedendo à infra-estrutura urbana de maneira uniforme, água, energia elétrica, hospital, mercado público, feira, cinema e comércio diversificado. Ou em “Petrópolis” (26/01/1941), ao ressaltar a superioridade aristocrática do bairro, os investimentos na antiga Avenida Atlântica (hoje Avenida Getúlio Vargas), o calçamento, as luminárias e o *belvedere* com vista para o mar, marcando o início da ligação da Cidade com a praia de maneira mais efetiva. Ou, ainda, na Crônica “Mais um Hotel na Cidade” (14/06/1941), quando observou o seu despertar para o crescimento, que viveu nos anos imediatamente posteriores, quando a demanda por hospedagem “de qualidade” cresceu e vários comerciantes adaptavam seus edifícios, para que funcionassem como locais de hospedagem. Neste caso, destacou a adaptação do “Edifício Varela”, uma edificação de dois andares na Av. Sachet, no bairro da Ribeira, com duas salas amplas térreas para restaurante e 60 quartos, com instalações próprias e próximo ao Cais do Porto.

Verificamos ainda em várias Crônicas, uma opinião que insinuava revelar suas dúvidas quanto à maneira como este “progresso” vai-se implantando na cidade, nas quais demonstrou preocupação com os possíveis desdobramentos. Em “Árvore e Sol” (10/01/1942), Danilo surpreendeu com uma reflexão sobre o desaparecimento das áreas sombreadas disponíveis na Cidade:

“Em Natal, a área pavimentada a paralelepípedo cresce na razão inversa à diminuição da área sombreada, reduzida cada vez mais, a uma faixa sempre menor. (...) Hoje... Os tempos mudaram realmente. A cidade acompanha desnuda, o ritmo do progresso e a árvore perdeu o valor urbanístico que se conserva em toda parte. Não é por questão de primitivismo carrancudo e inútil que defendemos a sombra das árvores. (...). É um conservantismo necessário ao próprio valor humano e as modernas condições da vida e do trabalho! Quanto mais cresce a cidade, mais sofre o pedestre nas suas

travessias habituais por força da luta cotidiana de viver. (...). A cidade tornou-se ingrata, flagelante. (...)”

Era um novo universo que se estava construindo no espaço e que oferecia indícios importantes para pensar a vida na cidade naquele momento. A narrativa de Danilo, que antes não demonstrava vacilar na sua crença de que o curso empreendido ao crescimento estava na direção correta, começou a revelar surpresas e dúvidas. Os tempos mudaram também em outras cidades, mas por que Natal necessitava se desnudar tanto para se adaptar ao ritmo do progresso? Expressou os argumentos para não ser confundido com qualquer crítico do progresso desejado. Não queria se distinguir de seus pares, porque não era um “primitivista carrancudo”, nome dado aos que queriam barrar o desenvolvimento. Dentro deste mesmo enfoque, Danilo percebeu que estavam perdendo o controle sobre a cidade. Em “Estão Estragando o Bairro de Petrópolis” (11/02/1942), reafirmou seu lugar junto à elite, constatando a impoderabilidade do que as mudanças poderiam representar na lógica de ocupação do espaço da cidade. Através do olhar deste sujeito, podemos descortinar algumas novas cidades em Natal, no seu relato sobre fatos e mudanças misturadas à explicitação de sua visão de mundo e de cidade, porém compartilhada por um grupo que exerceu o poder sobre o uso da cidade e as perspectivas de uso e construção da cidade.

“Chamaram-me a atenção para o caso: o bairro de Petrópolis estava sendo cenário de graves coisas. Onde por tantos anos, fora um tradicional recanto isolado, um sombrio quarteirão de mato regular, e, depois uma área pitoresca devastada e loteada, estavam construindo casas incríveis no gênero e nos tamanhos. Não porque fossem assim. Porém, porque estavam transformando uma zona destinada a outras espécies de construções residenciais em um trecho impróprio para aquelas habitações. Fui ver. (...). Não me haviam mentido os amigos. A promessa que era o local, tornou inopinadamente uma realidade constrictadora. (...). Precisamos, realmente de vilas, de casas baratas para muita gente pobre que não tem onde morar. Mas aquele trecho não podia, (...). São casas “baratas” com a finalidade da ambição em detrimento da estética da cidade. (...)”

Era uma elite que defendia a manutenção da setorização dos lugares de moradia que parecia estar arraigada na Cultura da cidade: Petrópolis, Tirol e Cidade Alta para os ricos, e o Alecrim e as Rocas para os pobres, que pode ter sido consolidada após o ano de 1945, quando o esforço de Guerra se encerrou na cidade. Nada poderia alterar essa lógica segregacionista, nem mesmo a dimensão relacionada à questão do Poder, do Legal e da Verdade. O seu argumento discursivo revelou um sujeito que apresentava a versão dominante do uso do espaço da cidade, oferecendo as condições para que o processo de mudança dentro de outra lógica pudesse ser barrado.

O bairro do Tirol foi um dos bairros que mais prosperou naquele momento, depois do Alecrim. Segundo Danilo em “O Inimigo do Tirol...” (20/03/1943):

“No deserto entre dunas e planícies surgiram avenidas largas e as casas mais modernas da cidade. A distância e as dificuldades dela decorrentes são compensadas pelo clima e pela tranquilidade. O que tem dificultado é a crise do combustível que não possibilita a utilização dos automóveis. Os moradores são obrigados a utilizarem-se dos bondes, que são os transportes de todos. O bonde é o inimigo número um do próspero e elegante bairro do Tirol”.

Neste contexto, o sistema de abastecimento de água e esgoto da cidade, recém-concluído pelo Escritório Saturnino de Brito, assim como o sistema de transportes coletivo de bondes, entraram em colapso. O bonde, apesar de ineficiente, passou a ser o principal meio de transporte da cidade e para todas as Classes Sociais, porque o País vivia uma crise de escassez de combustível, que obrigou ao Governo Federal a determinar seu racionamento, sob pena de paralisar o funcionamento do Parque Industrial que se estabelecia no País.

O bairro do Tirol significou a expansão do limite urbano na direção da Base de “Parnamirim *Field*”, ao longo da “pista” (“Parnamirim *Road*”), muito distante do centro e próximo do fluxo e da movimentação dos caminhões, dos soldados e dos quartéis. Nesta distanciamento e isolamento do centro, os moradores de Tirol e Petrópolis costumavam participar das festas promovidas pelos oficiais americanos nos seus Clubes, assim como convidavam os soldados para fazerem refeições em suas residências.

Associada ao padrão de vida empreendido pelos norte-americanos, com a circulação de sua moeda, o comércio local cresceu, tanto em quantidade de dinheiro e produtos

circulantes, quanto na diversidade das mercadorias oferecidas. A cidade do Natal tornou-se uma cidade inflacionada pela Segunda Guerra e pela convivência com os americanos. No entanto, desde o início do século XX, que a elite local costumava desdobrar-se para adquirir bens de consumos industrializados. Desde a importação diretamente da França de quase todos os adereços de ferro e bronze para utilização na decoração dos edifícios e espaços públicos - gradis, luminárias, postes, relógios, entre outros -, como para usos privados e pessoais - vestuários, tecidos, equipamentos desportivos e outros (Oliveira, 2000).

O período da Segunda Guerra apenas facilitou a aquisição destes produtos porque sua chegada era facilitada à cidade.

“A cidade, os transportes, os bares são lotados. O comércio ampliou-se. Abriram-se novas casas de negócio, especialmente lojas de jóias e relógios, que os militares e civis compravam em profusão. Caríssimas se tornavam as residências. Todos queriam alugar seus imóveis aos filhos do Tio Sam, que pagavam sempre em dólar”. (Melo, 1982:15).

O enriquecimento de alguns que souberam tirar proveito dessa nova situação e a diversificação dos costumes foram marcas deixadas por esse período. A vida na cidade mudou com muita intensidade em um período de tempo muito curto. Surgiram novos tipos de lojas, como as Confeitarias que, para Danilo (25/03/1943), era uma “especialidade comercial que tem o luxo como característica” e se tornaram “necessárias para uma cidade que ascende para o complexo da civilização”. A população sempre atualizada pelas informações da ZYB-5 que, com a colaboração de oficiais do Exército Norte-Americano nos seus estúdios, fazia de sua programação um instrumento de aculturação da cidade (Tota, 2000).

Poderíamos selecionar outros fragmentos de tantas outras Crônicas de Danilo para elocubrar sobre o momento da II Guerra Mundial em Natal e tentar relevar o esquecido, para refletir sobre a construção da cidade do Natal. Em “Cidade de ontem e de hoje” (15/03/1942), Danilo encerrou sua participação neste trabalho ao falar da cidade que fazia parte de seu passado, das suas lembranças de uma cidade que convivia com a falta de infraestrutura e com a implantação dos primeiros melhoramentos. A cidade que viveu a introdução da técnica e da tecnologia nos serviços urbanos.

“Tantos anos se passaram e as memórias da minha meninice de vez quando me mostram os ocasos do tempo e o esplendor das alvoradas. Vejo os velhos ambientes por trás de novos panoramas. Admiro a evolução de tudo, observo a mudança dos costumes, medito sobre as novas formas do trabalho, as exigências da produção, a multiplicidade dos deveres da vida. (...). A cidade inundada e quieta, expôs-se a uma eclosão de luz e a um turbilhão de movimento. Vieram as asas de aço aproximando os negócios e as antenas ligando as distâncias num segundo. Natal de ontem e de hoje, continua sendo a mais adorável das cidades.”

O desenrolar das mudanças expressou-se em repercussões inesperadas e a Crônica de Danilo pareceu tornar-se melancólica por um passado que a Cidade deixou para trás, no ocaso do tempo que se passou. Mesmo diante da realidade evidente e admirando-se dela, ainda queria enxergar o que se encontrava por trás daquela aparência. O movimento, a luz, as asas poderiam demonstrar a possibilidade de que o autor ainda apostava que o vôo empreendido fora um sucesso, apesar de incerto.

O presente trabalho pretende ter confirmado a idéia de que os Documentos de uma época passada podem subsidiar o tempo presente e possibilitar a construção de alguma nova interpretação sobre o passado, embora no caso do autor em questão isto não se tenha configurado até agora, pois o mais incrível é que a Crônica de Danilo continua quase desconhecida até o presente e muito pouco considerada como Fonte de Pesquisa. Diversas Coletânea de Crônicas sobre a cidade foram publicadas para marcar as Comemorações dos 400 anos da Cidade, em 1999, porém nenhuma publicou qualquer Crônica desse autor, nenhuma o resgatou do passado.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, José Nazareno Moreira de. *Cidade em Black-out*. Crônicas referentes à Segunda Guerra Mundial 1939/45. Natal: Editora Universitária, 1991. 63p.

CARDOSO, Rejane (Coord.). *400 Nomes de Natal*. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. *Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70*. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.

DANTAS, George Alexandre Ferreira. *Natal, "Caes da Europa". O Plano Geral de Sistematização no contexto de modernização da cidade (1929 – 1930)*. Natal: DARQ – UFRN, 1998. (Monografia – Trabalho Final de Graduação).

FERREIRA, Ângela Lúcia de A. *De la producción del espacio urbano a la creación de territorios en la ciudad: un estudio sobre la constitución de lo urbano en Natal, Brasil*. Tese de Doutorado. Barcelona, Universidad de Barcelona, 1996.

FOUCAULT, Michel.

A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

Microfísica do poder. 4^a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

LEPETIT, Bernard. *Por Uma Nova História Urbana*. São Paulo: EDUSP, 2001.

LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Cooperativa Cultural/Sebo Vermelho, 2000. 80p.

MELO, João Wilson Mendes. *A Cidade e o Trampolim*. Natal: Sebo Vermelho, 2003. 167p.

MELO, Protásio Pinheiro de.

Contribuição Norte-Americana à Vida Natalense. Brasília: Senado Federal, 1993. 176p.

Parnamirim e Natal na Segunda Guerra Mundial. Natal: PRAEU/RN Econômico, 1982. 33p.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De Cidade a cidade: o processo de modernização de Natal – 1889/1913*. Natal/RN: EDUFRN, 2000

PONTUAL, Virgínia. *Uma cidade e dois prefeitos: narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950*. Recife: Editora da UFPE, 2001.

SILVA, Josimey Costa da. *A palavra sobreposta: imagens contemporâneas da Segunda Guerra Mundial*. Dissertação de Mestrado, PPGCS/UFRN. Natal: [s.n.], 1998. (Área de Concentração: Cultura e Sociedade).

SMITH JUNIOR, Clyde. *Trampolim para a Vitória*. Natal: Editora Universitária, abril/1993. 225p.

SPINELLI, José Antônio. *Getúlio Vargas e a Oligarquia Potiguar: 1930/35*. Natal: EDUFRN, 1996. 221p.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.